

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2014

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutor Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014      ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO - M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

## OS RECINTOS DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICOS DE MONTE DA CONTENDA (ARRONCHES) E MONTOITO 2 (REDONDO)

### *PREHISTORIC DITCHED ENCLOSURES OF THE MONTE DA CONTENDA (ARRONCHES) AND MONTOITO 2 (REDONDO)*

António Carlos Valera,<sup>1</sup> Helmut Becker<sup>2</sup> & Cláudia Costa<sup>3</sup>

#### **Abstract**

In the sequence of a project designed to detect and characterize new ditched enclosures in Alentejo region (South Portugal) two new sites were identified through Google Earth and submitted to geophysics (magnetometry). The results revealed two ditched enclosures of different size and complexity. One, Montoito 2, with surface material from Chalcolithic, has a relatively simple plan with a larger double ditched enclosure with an elliptic layout and a small sinuous ditch inside. The other, Monte da Contenda, is an extraordinary complex system of ditched enclosures, with diverse dimensions, layouts and times of construction / use. It has a long chronology, from the Late Neolithic to the Chalcolithic. A first survey of one of the ditches provided two radiocarbon dates from the last third of the 4<sup>th</sup> millennium BC. Archaeological material and faunal remains are characterized for each site and their relation to other nearby enclosures is discussed, underlining the need for establishing the temporalities of these kind of sites in order to adequately approach the reconstruction of local settlement networks.

*Keywords:* Ditched enclosures, Geophysics, Neolithic; Settlement networks.

## 1 - INTRODUÇÃO

Os recintos de fossos do Monte da Contenda e Montoito 2 foram identificados no âmbito do projecto de investigação “Plantas de recintos de fossos e cosmologias neolíticas: uma abordagem paisagística, arqueoastronómica e geofísica” dirigido pelo primeiro signatário, iniciado em 2010 e implementado pelo Núcleo de Investigação Arqueológica da Era Arqueologia, S.A., tendo sido financiado numa primeira fase pela Fundação Calouste Gulbenkian (VALERA & BECKER, 2011). A elaboração deste projecto resultou do aumento do número de recintos de fossos no sul de Portugal durante a primeira década do presente século (VALERA, 2013 a) e da progressiva consciência de que estes constituíam, à imagem do que acontece em inúmeras regiões do continente europeu, um fenómeno central para a compreensão da construção das paisagens e da organização social das comunidades da Pré-História recente na região.

Por outro lado, a análise permitida pela implantação topográfica dos Perdigões, pelas relações que estabelecia com a paisagem megalítica de Reguengos de Monsaraz e pela imagem aérea da sua planimetria

---

<sup>1</sup> NIA-ERA Arqueologia; ICArEHB. antoniovalera@era-arqueologia.pt

<sup>2</sup> Becker Archaeological Prospection.

<sup>3</sup> ICArEHB; colaboradora do NIA-ERA.

(mais tarde detalhada pelo magnetograma das prospecções geofísicas realizadas por Helmut Becker – MÁRQUEZ ROMERO *et al.*, 2011), desde cedo chamava a atenção para a vinculação astronómica e para a fundamentação cosmológica deste recinto de fossos na construção de uma paisagem significativa neolítica (VALERA, 2008). À imagem do que acontece com muitos dos recintos europeus (BECKER, 1996; KARLOVSKÝ & PAVÚK, 2002; SCHLOSSER, 2004; POĐBORSKÝ & KOVÁRNÍK, 2006; PÁSZTOR & BARNA, 2008), a possibilidade de vários dos recintos de fossos alentejanos se

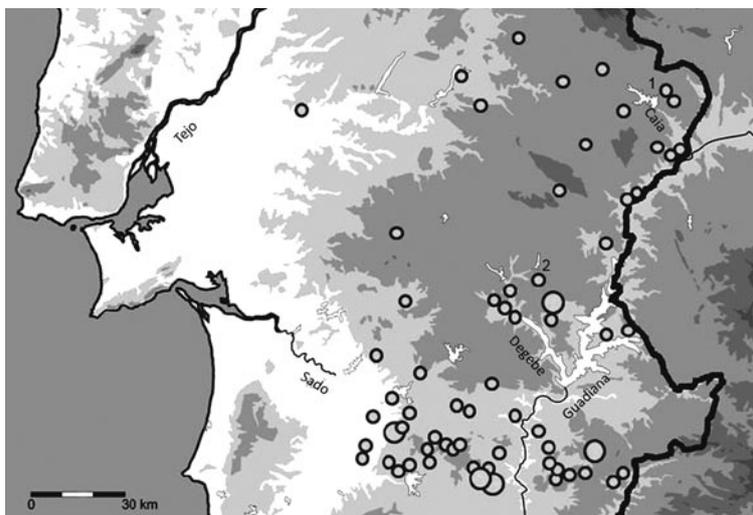


Fig. 1 – Recintos de fossos no interior sul de Portugal. 1-Monte da Contenda, 2-Montoito 2

relacionarem com a paisagem celeste ao mesmo tempo que com a terrestre (VALERA, 2013 b), assim como a crescente percepção da sua complexidade e diversidade arquitectónica (aspectos bem evidenciados nos Perdígões), tornavam óbvio que a abordagem a este tipo de contextos teria necessariamente que passar pelo conhecimento das suas plantas o mais integralmente possível.

Iniciou-se então uma investigação orientada para a detecção de recintos de fossos através de imagens aéreas (com recurso ao Google Earth, Bing Maps, SNIG e a fotografias aéreas dos Serviços Cartográficos do Exército – VALERA & PEREIRO, 2013) e posterior realização de prospecções geofísicas em alguns dos sítios identificados. No âmbito desta investigação, a qual se encontra ainda em curso, detectaram-se 26 novos recintos de fossos no interior alentejano, fazendo aumentar seu o número actualmente nesta região para 65 (Fig. 1), e foram realizadas prospecções geofísicas em seis sítios, trabalhos que resultaram já em várias publicações (VALERA & BECKER, 2011; VALERA, 2012 a, 2012 b; BECKER & VALERA, 2012; BECKER, VALERA & CASTANHEIRA, 2012; VALERA, 2013 a; VALERA, BECKER & BOAVENTURA, 2013; VALERA & PEREIRO, 2013).

Foi neste contexto de investigação que os sítios do Monte da Contenda e Montoito 2 foram descobertos e intervencionados no final de 2013 e são os dados actualmente disponíveis para estes dois sítios que agora se publicam.

## 2 – O MONTE DA CONTENDA

O sítio do Monte da Contenda situa-se na freguesia de Assunção, concelho de Arronches, mesmo junto ao limite administrativo com o concelho de Campo Maior. As suas coordenadas são: X 87955, Y –69438, altitude média de 250 m (C.M.P., 1:25000, fl. 400). A geologia local corresponde a uma formação de dioritos que se apresentam com níveis assinaláveis de alteração em várias zonas, mas onde afloram no talude alguns blocos relativamente são, numa zona de fronteira com gnaisses, sendo atravessados por alguns veios graníticos (C.G.P., 1:50000, fl. 33C).

O sítio abrange um troço da margem direita da Ribeira das Argamassas numa extensão de cerca de 500 m, indo desde a margem da ribeira (que parece ser o seu limite Sul) até ao topo da vertente, sendo este muito ligeiramente ultrapassado já para o declive virado a norte. A maior parte do sítio está assim localizada em zonas

de vertente voltadas ao quadrante sul, sendo cortado pelo caminho rural de acesso ao casario do Monte da Contenda (Fig. 2).

Na imagem do Google Earth de 30.10.2006 são visíveis os traçados de vários fossos, que aparentavam ser sinuosos e ter plantas tendencialmente circulares e concêntricas, abrangendo uma área com cerca de 200 m de comprimento, na zona em que o caminho rural faz uma curva. Um primeiro reconhecimento de terreno permitiu constatar a existência de grande quantidade de materiais à superfície na zona identificada na imagem aérea e no terreno a sul do cominho, verificando-se que o mesmo cortava o sítio deixando um talude do lado norte, onde seria previsível que, sob a vegetação, existissem secções de fosso em corte. Foi assim estimada uma área para a realização da prospecção geofísica por forma a abranger a estruturas visíveis na imagem aérea e planeada uma primeira limpeza do talude para confirmar a existência de estruturas em corte e obter material datante contextualizado.



**Fig. 2** – Localização do Monte da Contenda na C.M.P. e numa imagem 3D do Google Earth. O tracejado marca os limites aproximados estimados para o sítio (cujo limite sul será a ribeira – confrontar com Fig. 5), sendo visíveis alguns troços dos recintos circulares delineados à superfície.

## 2.1 – A prospecção geofísica

A prospecção geofísica foi realizada sob responsabilidade técnica de Helmut Becker, tendo incidido sobre uma área de aproximadamente 43 200 m<sup>2</sup>, de configuração rectangular e com 240 m de comprimento (sentido Este – Oeste) e 200 m de lado (sentido Norte). Com esta área esperava-se abranger a totalidade dos recintos, mas a mesma viria a revelar-se manifestamente insuficiente em face das dimensões que o sítio realmente apresenta.

O método aplicado foi o de magnetometria de ultra-alta resolução. O magnetómetro de cézio Geometrics G-858G tem sido aplicado em áreas de medição não compensada de duas faixas do campo magnético com uma sensibilidade de 20 pT (Picotesla) a um ciclo de 10 Hz (10 medições por segundo). A uma velocidade de marcha normal os resultados numa resolução espacial de 0.12 × 0.5 m cada são extrapolados para 0.25 × 0.25 m. Usando dois sensores paralelos em duas faixas com 0,5 m de intervalo entre elas é medido o campo magnético total, numa rápida e mais sensível prospecção, com uma mais profunda penetração no subsolo (BECKER, 2001 a, 2001 b). Estruturas arqueológicas a 5 m de profundidade podem ser detectadas através deste método,

o qual tem produzido resultados excelentes noutros recintos de fossos portugueses prospectados no âmbito deste projecto. A prospecção foi realizada a partir de um grelha aposta ao terreno e constituída por quadrados com 40 m de lado. Os resultados obtidos foram surpreendentes, tendo revelado que o sítio é extraordinariamente complexo, que apresenta um grande número de estruturas tipo fosso e que se estende para fora dos limites da área prospectada.

O magnetograma obtido (Fig. 3) apresenta, de facto, uma grande quantidade de estruturas, as quais definem dois conjuntos de recintos. Um apresenta inúmeros recintos (um número mínimo de onze) que apresentam um desenho genericamente de tendência circular ou ovalada (Fig. 4, traçados a branco) e que se cruzam em vários pontos ou mesmo que se sobrepõem em parte dos seus traçados, dificultando a interpretação e a definição de várias das plantas. A maioria apresenta traçados sinuosos, uns mais bem padronizados (com lóbulos semicirculares bem delineados e a distâncias regulares) que outros (mais ondulados e irregulares), mas também estão presentes fossos de traçado linear simples, que parecem corresponder aos mais exteriores de tendência mais claramente circular. O lado Este do magnetograma apresenta menor definição, dificultando a interpretação do traçado de alguns dos recintos nesse lado. Esta circunstância, associada ao grande emaranhado

de estruturas e sobreposições torna igualmente difícil a definição de entradas. Contudo, pelo menos duas podem ser já identificadas. Uma a Este (Fig. 4: P1), caracterizada pela interrupção do fosso e por um pequeno fosso semi-circular em frente e pelo exterior, há imagem do que apresenta uma das entradas de Magoito 2 (ver adiante) ou das entradas do fosso exterior dos Perdigões. Outra encontra-se a Norte (Figura 4: P2) e

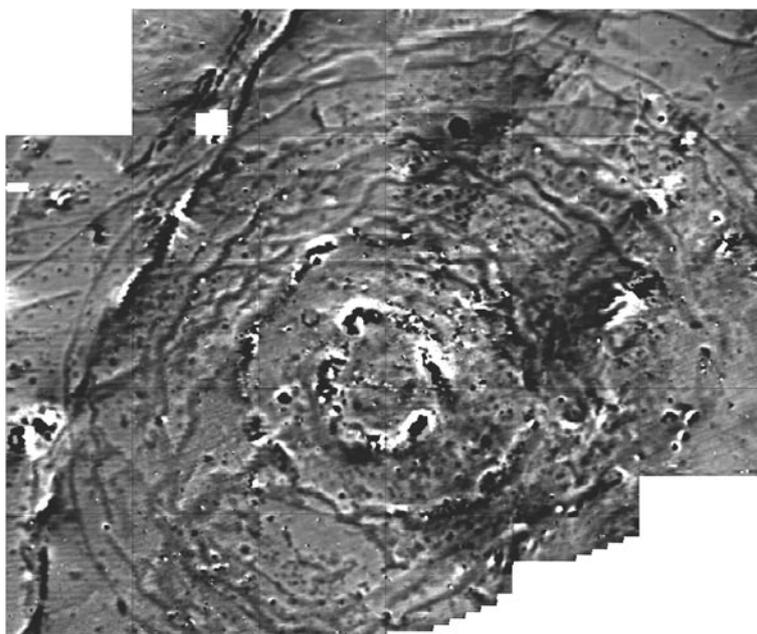


Fig. 3 - Magnetograma do Monte da Contenda realizado em 2013.

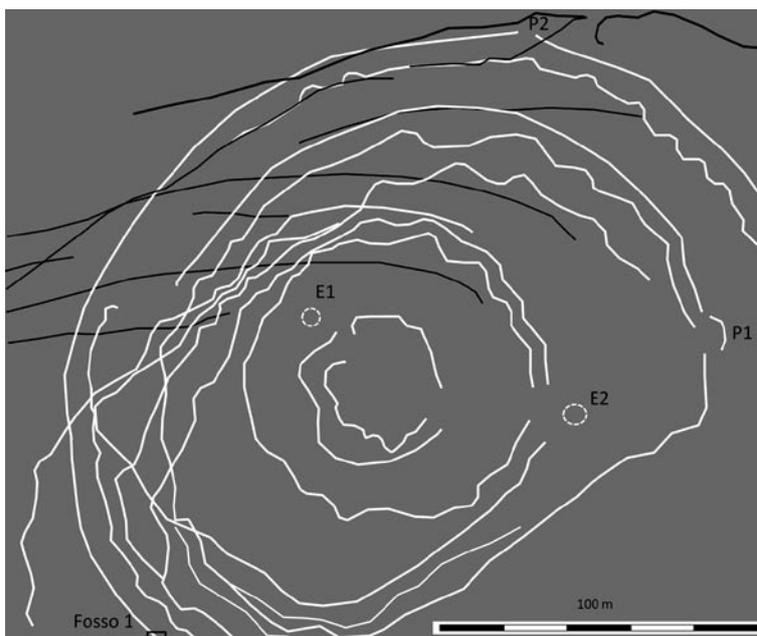


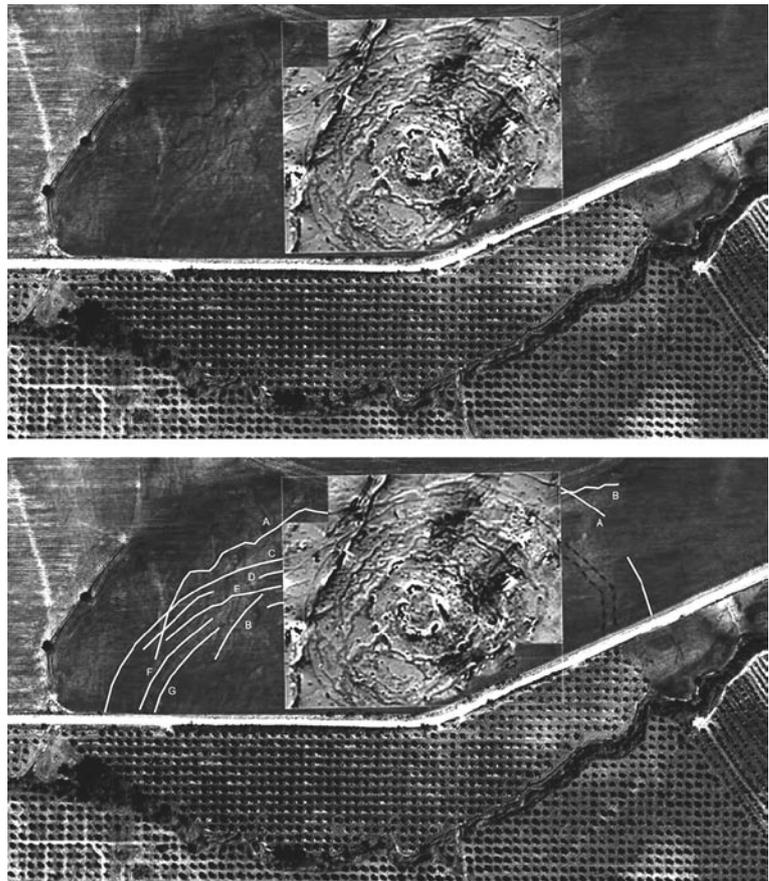
Fig. 4 - Esquema simplificado da interpretação preliminar do magnetograma do Monte da Contenda realizado em 2013. Em branco os traços de fossos de planta tendencialmente circular. Em preto os traços de fossos de planta tendencialmente elipsoidal.

corresponde a uma interrupção simples do fosso. Nesta área são ainda identificáveis várias dezenas de fossas e duas estruturas circulares com cerca de 5m e 7m de diâmetro (Fig. 4: E1 e E2).

Para além destes 11 recintos (pelo menos) são ainda visíveis vários fossos que, aparentemente sobrepostos por aqueles, saem do magnetograma para Este e sobretudo para Oeste (Fig. 4, traçados a negro), configurando uma situação de anterioridade onde se contabilizam pelo menos mais seis recintos (elevando o número total para dezassete). No sentido de tentar interpretar o seu traçado colocou-se o magnetograma sobre diferentes imagens aéreas, sendo que na imagem proporcionada pelo Bing Maps é possível observar na superfície cultivada do terreno a continuidade não só dos fossos circulares mais exteriores do lado Este, como o prolongamento de vários dos fossos subjacentes para Oeste (Fig. 5). Um fosso (A) que atravessa o magnetograma no extremo norte apresenta um traçado linear em curvatura para Sul no lado Este, dirigindo-se para a ribeira, enquanto do lado Oeste desenvolve essa mesma curvatura para Sul, mas apresentando um traçado mais sinuoso. Um pouco mais a Sul, um outro fosso (B) apresenta um traçado linear em curvatura no sentido da ribeira do lado Oeste e um prolongamento sinuoso para Este, não se vislumbrando o término. Finalmente, um conjunto de quatro fossos com um possivelmente a desdobrar-se em dois (C a G), os quais saem do magnetograma a Oeste e que claramente estão sob os recintos mais circulares, prolongam-se em curva no sentido da ribeira (e que cortam ou são cortados pelo fosso sinuoso), não se vislumbrando a sua continuidade do lado Este, eventualmente mascarada pela amálgama de estruturas na zona dos recintos tendencialmente circulares. É possível que outras marcas visíveis na imagem aérea correspondam a fossos, mas que não são abrangidos pelo magnetograma.

Este último conjunto de fossos define inequivocamente um primeiro conjunto de recintos, de planta elipsoidal ou ovalada, que poderá ter como limite sul o traçado da ribeira, que nesse ponto desenha também uma curvatura alongada, não se observando até ao momento vestígios de estruturas ou de materiais na sua margem esquerda. Estes tanto podem ser anteriores como posteriores aos recintos de maiores dimensões definidos pelos fossos lineares / sinuosos A e B, pois não é perceptível nas imagens quais é que cortam e quais são cortados. Estes recintos são mais tarde sobrepostos pela sequência de fossos de tendência circular, que se encontram descentrados para Este relativamente aos fossos C a G e mais centralizados relativamente aos recintos definidos pelos fossos A e B.

O magnetograma do Monte da Contenda agora publicado corresponde



**Fig. 5** – Em cima: implantação do magnetograma do Monte da Contenda sobre uma imagem satélite do Bing Maps. Em baixo: a mesma imagem anotada.

ainda uma primeira abordagem ao sítio e uma prospecção mais alargada terá que ser realizada para que o mesmo possa ser integralmente abrangido. Porém, ainda que de forma incompleta e com inúmeras dúvidas de interpretação, o trabalho já realizado revela uma situação extraordinariamente complexa, evidenciando o maior número de recintos conhecidos num só sítio em Portugal e uma intrincada actividade construtiva, com fases claramente distintas e deslocações laterais da construção dos recintos, evidenciando uma vida longa, certamente cheia de vicissitudes, e sublinhando a importância de procurar compreender estes contextos na sua temporalidade e nos seus ritmos (WHITTLE, 2006, 2014; MÁRQUEZ ROMERO & JIMÉNEZ JÁIMEZ, 2010; VALERA, 2010; VALERA & SILVA, 2011; VALERA *et al.*, 2014). Uma abordagem preliminar à temporalidade do Monte da Contenda será ensaiada mais à frente.

Por outro lado, é possível que se esteja perante uma situação em que alguns dos recintos (aparentemente os mais antigos) possam ter sido definidos conjugando uma linha de água e estruturas em fosso, na medida em que, para já, não parecem existir sinais de ocupação na margem esquerda da ribeira. Tal situação não está ainda documentada de forma inequívoca em território nacional, mas poderá também acontecer com algumas estruturas do Porto Torrão, ajudando a compreender a discordância de traçados dos fossos já intervencionados, mas cujos desenhos completos se desconhecem, ou em Águas Frias (ainda que aqui, a subida das águas devido ao enchimento do regolfo de Alqueva a quando da realização das escavações não permita esclarecer a situação de forma inequívoca). Esta situação parece, por exemplo, acontecer em La Pijotilla relativamente a um fosso interno (HURTADO, 2008).

A conjugação do magnetograma com a imagem aérea permite igualmente uma primeira abordagem à dimensão dos recintos presentes no Monte da Contenda. Se os recintos de tendência circular apresentam diâmetros entre cerca de 230 m e cerca de 40 m, os de tendência elipsoidal apresentarão eixos maiores que poderão chegar, no mais exterior, aos 350 m e o eixo maior do recinto definido pelo fosso A terá aproximadamente 400 m (aproximando-se do diâmetro do recinto exterior dos Perdigões que é de 450 m).

Outra questão relaciona-se com o desenho proporcionado pela sequência de fossos paralelos (C a G), relativamente próximos entre si, desenvolvendo-se numa planta tendencialmente elipsoidal. Esta situação é pouco

comum, mas poderá encontrar paralelos num outro contexto descoberto através de imagens aéreas na região de Serpa (VALERA & PEREIRO, 2013). De facto, no sítio da Herdade da Corte uma situação muito próxima da do Monte da Contenda pode ocorrer. Um conjunto de pelo menos três fossos paralelos desenvolvem uma planta tendencialmente elipsoidal com um eixo maior interno aproximadamente de 500 m, parecendo existir



**Fig. 6** – Imagem aérea da Herdade da Corte (Serpa). As setas cinzentas indicam os fossos paralelos que definem recintos de tendência elipsoidal. As setas negras os eventuais recintos circulares de fossos sinuosos.

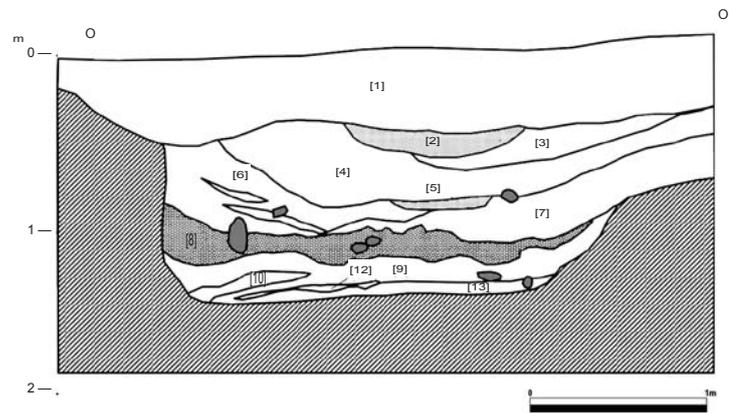
um segundo conjunto de recintos de tendência circular e fossos lineares e sinuosos que parcialmente se cruzam com os anteriores do seu lado Sudoeste (Fig. 6). Estaremos em presença de um outro grande complexo de recintos, sendo que o material à superfície aponta, para já, para uma cronologia calcolítica.

## 2.2 – Limpeza de talude e acerto do corte do Fosso 1

No âmbito do trabalho já realizado no Monte da Contenda procedeu-se igualmente ao início da limpeza do talude do caminho rural que corta os recintos, ainda que numa área restrita. Esta limpeza permitiu identificar em corte o Fosso 1 (Fig. 7), procedendo-se ao acerto do mesmo. O fosso apresenta neste ponto cerca de 1 m de profundidade por cerca de 3 m de largura (embora a largura efectiva deva ser menor, uma vez que o corte apanha o fosso aparentemente na diagonal). Por outro lado, na zona em que foi cortado pelo talude (em diagonal), revela um ressalto na base, sugerindo um corte por secções com dimensões distintas, facto já documentado em vários recintos portugueses (VALERA, 2012 b; VALERA, 2014).

O enchimento deste troço do fosso apresentava uma sequência estratigráfica relativamente complexa. No topo, sob o solo arável actual [1], e restrito ao centro do fosso, foi identificado um depósito [2] arenoso, de cor amarelada e com algumas inclusões de grão de geológico, a preencher uma ligeira depressão. Não forneceu materiais arqueológicos. Parece corresponder ao preenchimento de um pequeno canal de origem hídrica no topo do enchimento do fosso.

Este canal estava escavado parcialmente no depósito [3] e no depósito [4]. O depósito [3] apresen-



**Fig. 7** – Imagem e desenho do acerto do corte de talude na zona do Fosso 1 do Monte da Contenda.

tava uma pendente de Este para o interior do fosso e cobria parcialmente o depósito [4]. Era composto por um sedimento acinzentado e algo arenoso. Já o depósito [4] apresentava a mesma pendente, mas era composto por um sedimento castanho, mais humoso e menos arenoso. Ambos forneceram fragmentos de cerâmica manual e alguma fauna mamalógica.

A [4] preenchia a zona Este e central do fosso, numa depressão nos depósitos subjacentes. Na zona central voltava a denotar-se um estreito e pouco profundo canal de erosão hídrica preenchido por um depósito [5] semelhante ao depósito [2]. Este canal estava parcialmente aberto nas camadas [6] e [7]. O depósito [6] preenchia a metade Oeste do fosso e apresentava uma matriz arenosa, de cor cinzenta, contendo “línguas” finas de areão de substrato. O depósito [7] preenchia a metade Este do fosso, enfiando-se ligeiramente sob o [6]. Era composto por um sedimento cinzento, mas quase sem areão de geológico misturado. Ambos forneceram cerâmica e o depósito [7] alguma indústria lítica em sílex.

Ambos se sobrepunham ao depósito [8], composto por geológico alterado e desagregado de cor amarelada, correspondente à parede Oeste do fosso. Trata-se de um momento de desagregação parcial da parede desse lado que preencheu parte do fosso, cobrindo os seus primeiros enchimentos. Revelou-se arqueologicamente estéril.

Sob este depósito de origem erosiva identificou-se o depósito [9], de cor cinzenta, o qual cobria do lado Oeste duas finas “línguas” de areão de geológico acinzentado [10] e [12], sobrepondo-se ao primeiro depósito de enchimento [13], com características semelhantes às do depósito anterior. Ambos forneceram fragmentos cerâmicos e fauna mamalógica. O interface do fosso [11] apresentava uma secção sub-trapezoidal assimétrica.

Esta sequência parece revelar que, neste troço do Fosso 1, ocorreu um enchimento relativamente lento, intercalando momentos de sedimentação e erosão, onde acções de origem antrópica e natural se sucederam. Naturalmente, tratando-se apenas de um acerto de corte estas observações são muito limitadas ao espaço restrito intervencionado.

### 2.3 – Os materiais

Os materiais dividem-se em dois conjuntos de proveniência: um corresponde a materiais de superfície recolhidos durante as prospecções geofísicas e outro corresponde aos materiais provenientes da limpeza e acerto de corte do fosso.

Os materiais de superfície são compostos por abundantes fragmentos de cerâmica manual e indústria lítica polida e talhada. No que respeita à indústria lítica, em pedra polida foram recolhidas 16 peças em anfíbilito, as quais tipologicamente se distribuem por martelos (8 casos), machados (3) enxós (3) e lingotes (2) (Fig. 9). Os elementos de moagem são relativamente escassos, estando representados por dois moventes e um dormente, todos de pequenas dimensões. A indústria lítica talhada está representada por elementos de produção, 5 bigornas e 5 percutores, e por poucos produtos e restos de talhe: uma lasca de quartzo, um fragmento de xisto jaspóide, um fragmento de quartzo e 5 seixos de quartzito talhados.

Relativamente aos materiais cerâmicos, e para além dos abundantes fragmentos de recipientes, registaram-se três fragmentos de pesos placa rectangulares, um deles espesso de quatro perfurações (Fig. 9), uma morfologia pouco frequente no interior alentejano e que eventualmente indicia relações com regiões mais setentrionais, já da bacia do Tejo.

Relativamente aos fragmentos de recipientes cerâmicos, com o objectivo de realizar uma primeira caracterização morfológica apenas se recolheram fragmentos de bordo ou bojos classificáveis, deixando os bojos

indiferenciados no terreno. Foram recolhidos 60 bordos mais 5 fragmentos de carena e 4 bojos com decoração. Do conjunto de bordos foi possível fazer atribuição formal em 58 casos, que se constituem como universo da análise formal (Fig. 8). Os pratos são claramente predominantes, com 32 exemplares (correspondendo a 55,2%), apresentando alguma variabilidade nos bordos que são simples (8 casos), espessados internamente (17) e nos quais se integram cinco almendrados, bi-espessados (6) e um de bordo exvertido. O segundo grupo mais representado são os esférico-globulares com 11 exemplares (19%), de bordo simples (5), espessado externamente (4) ou com ligeiro colo (2). Seguem-se as taças com 8 ocorrências (13,8%), abertas em segmento esférico de bordo simples, espessado externamente ou bi-espessado e num caso fechada de bordo reentrante. Com uma representatividade mais residual temos 2 tigelas (3,4%), 2 recipiente de colo troncocónico tipo saco (3,4%) e 3 taças carenadas (5,2%), às quais se juntam mais 5 fragmentos de carena. É de salientar que vários dos recipientes esférico-globulares, mas também vários pratos de bordo espessado, apresentam acabamentos a almagre.

A decoração ocorre em 4 fragmentos de bojo. Em 2 casos corresponde a linhas incisadas, num a duas impressões verticais a pente e no restante a um triângulo inciso preenchido por linhas de impressões.

Já no que respeita ao conjunto de materiais proveniente do acerto do corte do Fosso 1, este é constituído por fragmentos cerâmicos (18 bordos, 2 fragmentos de carena e 130 bojos indiferenciados), um fragmento distal de enxó, 6 restos de talhe, um núcleo, 5 lascas em sílex branco por vezes com intercalações castanhas, 2 lascas de quartzo e um fragmento polido de xisto jaspóide. Relativamente às morfologias cerâmicas, foi possível fazer atribuição formal em 17 casos. Predominam os recipientes esférico-globulares, com 9 exemplares, seguindo-se os recipientes de colo troncocónico tipo saco de bordo simples ou ligeiramente ex-vertido, com 3 exemplares, as taças carenadas com 2 exemplares e um prato simples, uma tigela e uma taça fechada (Fig. 9).

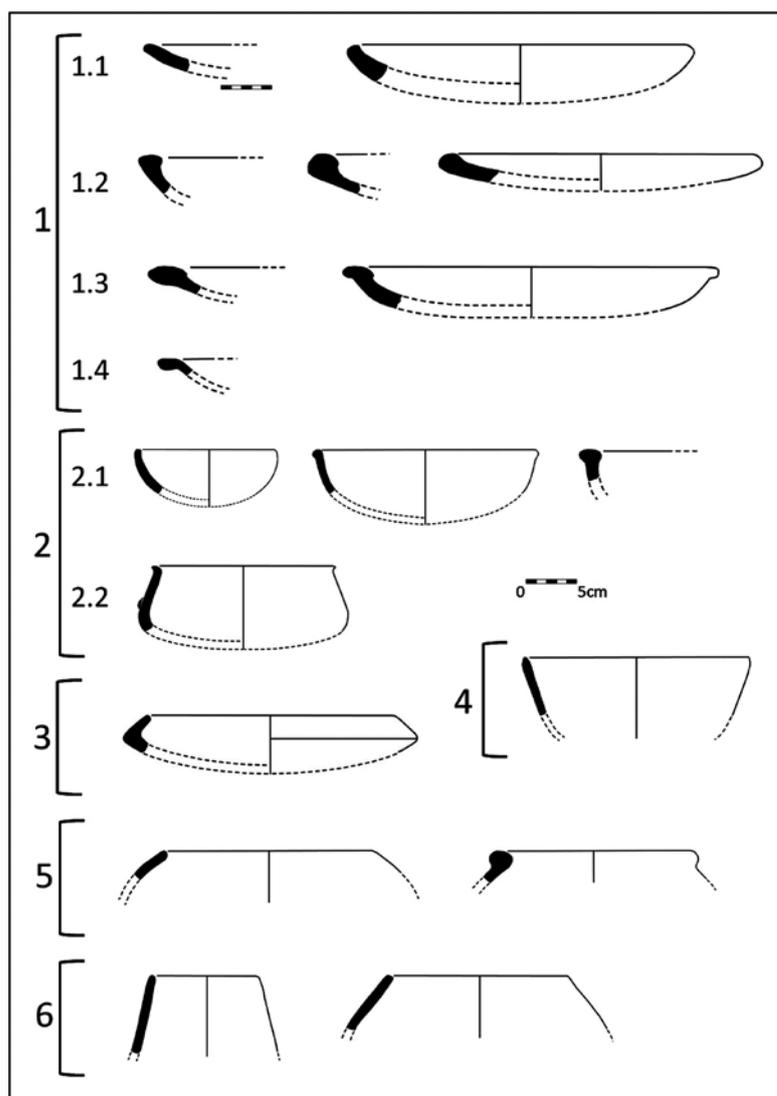
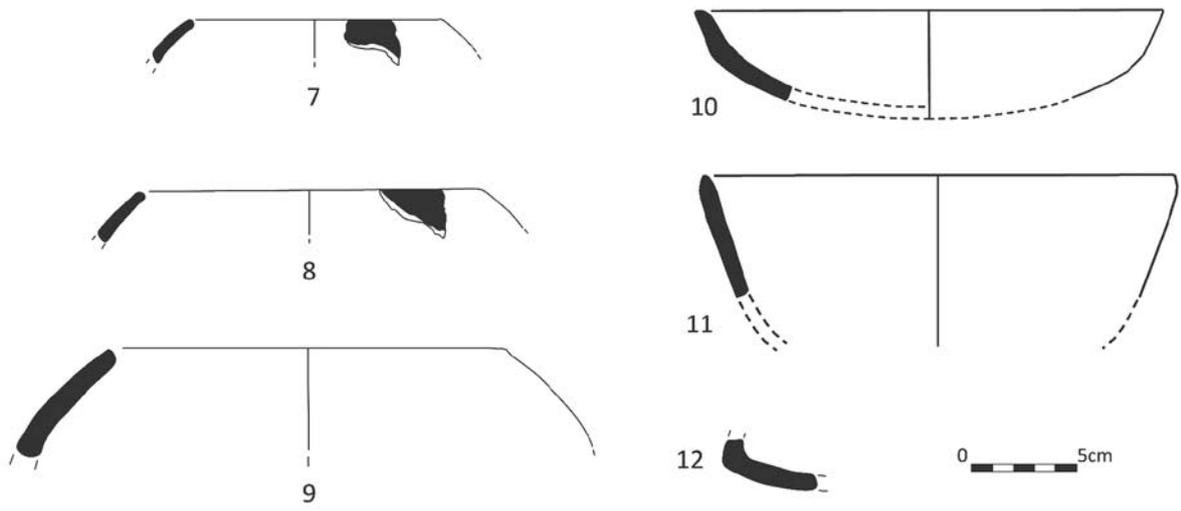
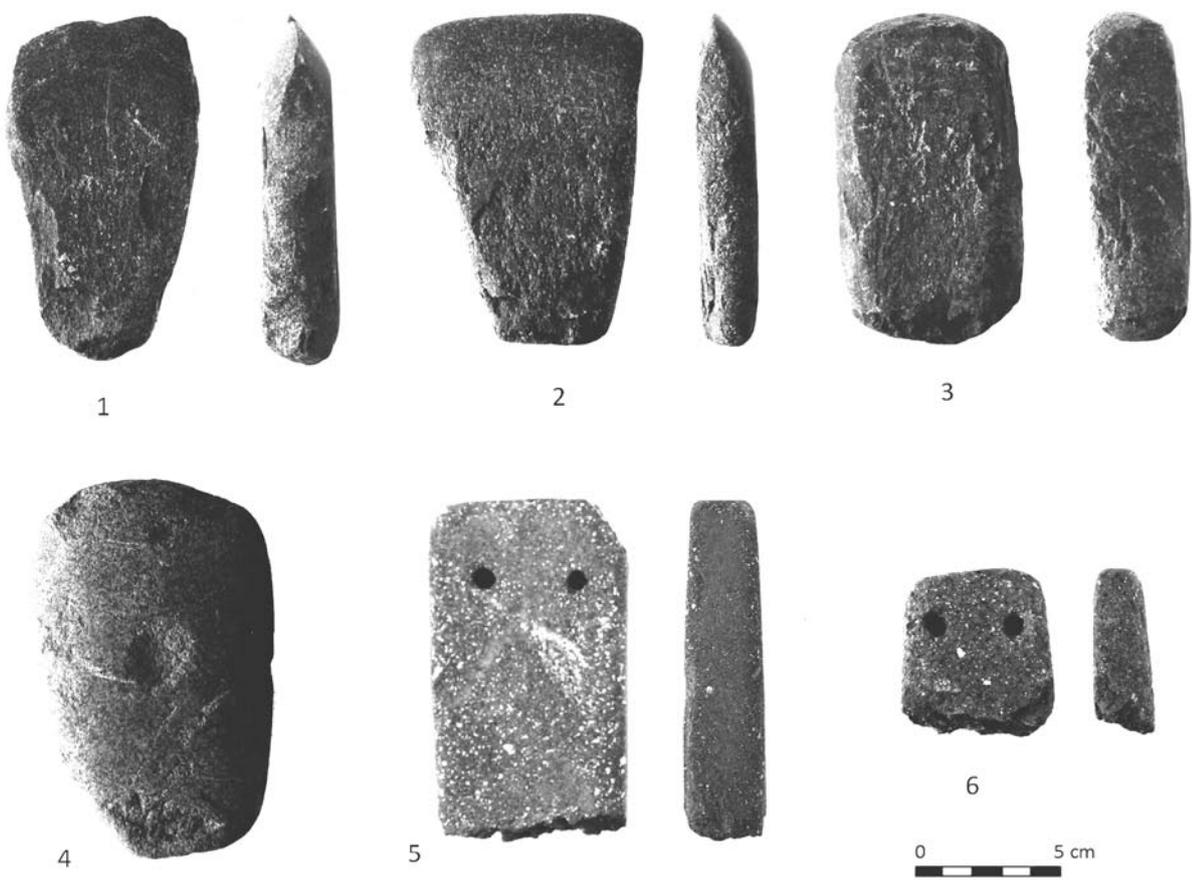


Fig. 8 - Tabela tipológica dos materiais de superfície do Monte da Contenda.



**Fig. 9** – Em cima: utensílios de pedra polida, bigorna e elementos de tear recolhidos à superfície no Monte da Contenda. Em baixo: materiais cerâmicos provenientes do acerto do corte do Fosso 1 (fragmentos escurecidos apresentam acabamento a almagre).

A maioria dos materiais de superfície, nomeadamente as cerâmicas, aponta para uma cronologia do Calcolítico Pleno, com um claro predomínio de formas abertas, nomeadamente de pratos de bordo espessado. Contudo, alguns materiais (como as taças carenadas) podem corresponder a ocupações mais antigas de cronologia neolítica, as quais estão representadas nas cerâmicas recolhidas em contexto no acerto do corte do Fosso 1 e que as datações absolutas já realizadas confirmam (ver ponto seguinte).

Assim, podemos afirmar que o fosso exterior do grupo de fossos de tendência circular concêntrica é de cronologia neolítica (segunda metade do 4.º milénio a.C.), enquanto a maioria dos materiais de superfície documenta uma intensa ocupação calcolítica, provavelmente relacionada com os fossos mais centrais, e que mascara a ocupação mais antiga ao nível da superfície. Note-se que o material de superfície rareia na zona dos recintos elipsoidais não sobreposta pelos recintos de tendência circular (lado Oeste). Estes recintos de fossos lineares paralelos, com base na análise da imagem de geofísica, serão anteriores ao fosso datado, pelo que poderão ser da mesma época do Fosso 1 ou mais antigos.

#### 2.4 – Análise faunística

Relativamente às espécies presentes e representação anatómica, o conjunto faunístico recuperado no Fosso 1 totaliza 93 fragmentos de ossos e dentes de mamíferos e um fragmento de concha de bivalve indeterminado. 37 elementos foram classificados como pertencentes a equídeos, veados e bovinos domésticos cujo total aponta para a existência de um mínimo de três indivíduos de veado e dois indivíduos de equídeos e bovinos domésticos, além de restos de um indivíduo de suíno não determinado e coelho.

**Quadro 1 – Lista de espécies**

<b>Espécies</b>	<b>NTR</b>	<b>NMI</b>
<i>Equus</i> sp. (equídeo)	7	2
<i>Cervus elaphus</i> (veado)	10	3
<i>Bos taurus</i> (vaca doméstica)	15	2
<i>Sus</i> sp. (porco / javali)	4	1
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho)	1	1
<b>Total</b>	37	8

NTR – Número total de restos determinados.

NMI – Número mínimo de indivíduos.

O veado (*Cervus elaphus*) é a espécie melhor representada em número mínimo de indivíduos e está presente pelos ossos do esqueleto apendicular anterior além de um fragmento de haste. Os bovinos (*Bos taurus*) estão representados particularmente por elementos do esqueleto apendicular além de três dentes molares e corresponde ao taxon com maior número de fragmentos. Os equídeos (*Equus* sp.) são igualmente no mínimo dois indivíduos e estão representados por três molares e elementos dos membros, dois fragmentos de úmeros e dois calcâneos. Restam os ossos de suíno (*Sus* sp.) que constituem dois fragmentos de crânio e fragmentos de ulna e úmero esquerdos, e o fragmento de pélvis de coelho (*Oryctolagus cuniculus*). Compõem ainda o conjunto faunístico elementos do esqueleto axial, craniano e apendicular de animais de médio e grande porte.

**Tabela 2 – Representação anatómica**

	<i>Equus sp.</i>	<i>Cervus laphus</i>	<i>Bos taurus</i>	<i>Sus sp.</i>	<i>O. cuniculus</i>	AGP	AMP
<b>E. craniano</b>							
Haste		1					
Crânio				1		2	1
Mandíbula				1		1	
Dentes soltos	3		3				
E. axial							
Costelas						4	1
Vértebras						2	2
<b>E. apendicular anterior</b>							
Escápula		1				1	2
Úmero	2	4	3	1			1
Rádio		3	2				
Ulna				1			
Metacarpo		1	1				
E. apendicular posterior							
Pélvis					1		1
Fémur			1			1	
Tíbia			2				
Calcâneo	2		3				
Elementos gerais							
Osso longo indeterminado						2	
Fragmento indeterminado						1	
<b>Total</b>	7	10	15	4	1	14	8

Em termos tafonómicos, o conjunto apresenta-se, genericamente, em bom estado de conservação, muito pouco meteorizados e com baixa fragmentação, evidenciada pela percentagem de elementos identificáveis de cerca de 40%. Contudo a fracturação recente provocada pelo processo de escavação foi registada em 32 ossos o que corresponde a uma percentagem de cerca de 35%.

No que concerne às marcas de manipulação antrópica destacam-se quatro ossos longos com marca de fratura intencional quando o osso se encontrava em estado fresco (um úmero de veado, um rádio de vaca e duas diáfises de ossos longos de espécies indeterminadas). Em três ossos foram registadas marcas de corte: nas partes distais de úmero e rádio de vaca e úmero distal de suíno que, pela sua posição, indicam a desarticulação intencional dos membros. No capítulo das marcas antrópicas regista-se ainda um fragmento não determinável com marcas de corte profundas e outro fragmento com marca de percussão.

Em suma, o conjunto faunístico recuperado na intervenção do Monte da Contenda é ainda bastante diminuto (não chegando sequer a uma centena de elementos) e provém de uma área muito restrita do interior de um fosso. As ilações de carácter cultural estão, portanto, bastante limitadas. Contudo, não se poderá ignorar o carácter iminentemente selvagem da lista de espécies dominada pelo veado e contrastando, por exemplo, com o conjunto faunístico conhecido para o fosso 6 dos Perdigões (COSTA, 2013) de cronologia contemporânea ao contexto aqui apresentado. A importância de veado encontra paralelo em sítios de altura do sudoeste peninsular como Junta de los Rios (ABRIL *et al.*, 2007) em Huelva e São Pedro do Redondo (DAVIS & MATALOTO, 2012), ambos com ocupações datadas do 3.º milénio a. C.. No entanto a falta de contextos inequivocamente datados do final do 4.º milénio a.C. com significativas colecções faunísticas estudadas na região, para além dos Perdigões, limita claramente as leituras de conjunto sobre a gestão dos recursos animais nesse período, pelo que dificilmente se pode avaliar o significado do espectro faunístico observado no Monte da Contenda também a uma escala extra sítio.

## 2.5 – Cronologia absoluta e temporalidade

Foram datadas duas amostras de fauna, uma proveniente do depósito [7] e outra do depósito [9] do Fosso 1. As datações foram realizadas no laboratório de Waikato.

UE7 – Costela de animal de grande porte – Wk-38618 –  $4464 \pm 29\text{BP}$  – 3336-3024 cal BC  $2\sigma$ .

UE9 – Diáfise de animal de grande porte – Wk-38619 –  $4478 \pm 29\text{BP}$  – 3340-3030 cal BC  $2\sigma$ .

As datas obtidas são estatisticamente idênticas e colocam o enchimento da metade inferior do Fosso 1 na segunda metade do 4.º milénio a.C., mais concretamente nos seus últimos três séculos e meio. São datações que se enquadram bem com outras conhecidas para recintos de fossos com ocupações neolíticas no interior alentejano (Fig. 10), nomeadamente com as datações mais antigas dos fossos dos Perdigões e com as datações de Juromenha 1 e São Jorge de Ficalho (VALERA, 2013 b).

É ainda interessante salientar que o fosso agora datado é o mais exterior do conjunto de fossos de tendência circular. Trata-se de um fosso que define um recinto com cerca de 230 m de diâmetro, contrariando a ideia de que durante o Neolítico Final os recintos de fossos apresentariam dimensões mais modestas, circunstância que já os fossos de Águas Frias (CALADO & LEONOR, 2007) evidenciavam. Por outro lado, o facto de, no Monte da Contenda, os recintos de planta elipsoidal, de maiores dimensões, serem sobrepostos pelo Fosso 1 reforça a ideia da existência de recintos de dimensões consideráveis logo desde o Neolítico, situação também sugerida pela sobreposição dos recintos datados de Moreiros 2 relativamente a outros recintos possivelmente de paliçadas (VALERA, BECKER & BOAVENTURA, 2013).

Assim, ainda que os dados já disponíveis sejam indubitavelmente escassos (sobretudo face à complexidade evidenciada pelo sítio), algumas notas relativamente à temporalidade podem ser enunciadas, conjugando as sobreposições observáveis no magnetograma, as datações obtidas e os materiais de superfície.

Existirá um conjunto de recintos mais antigo com plantas tendencialmente elipsoidais e de maiores dimensões, que eventualmente utilizam a ribeira como elemento de delimitação do espaço encerrado a Sul. Dentro desta fase inicial podemos distinguir pelo menos duas situações, ainda que não saibamos qual a mais antiga: uma correspondente aos fossos paralelos definidos pelos fossos C a G; outra correspondente aos recintos definidos pelos fossos A e B, que se cruzam com os anteriores. Entre as duas situações existe uma ligeira deslocação lateral da implantação dos recintos.

Posteriormente inicia-se a construção dos recintos de tendência circular, que se sobrepõem a todos os

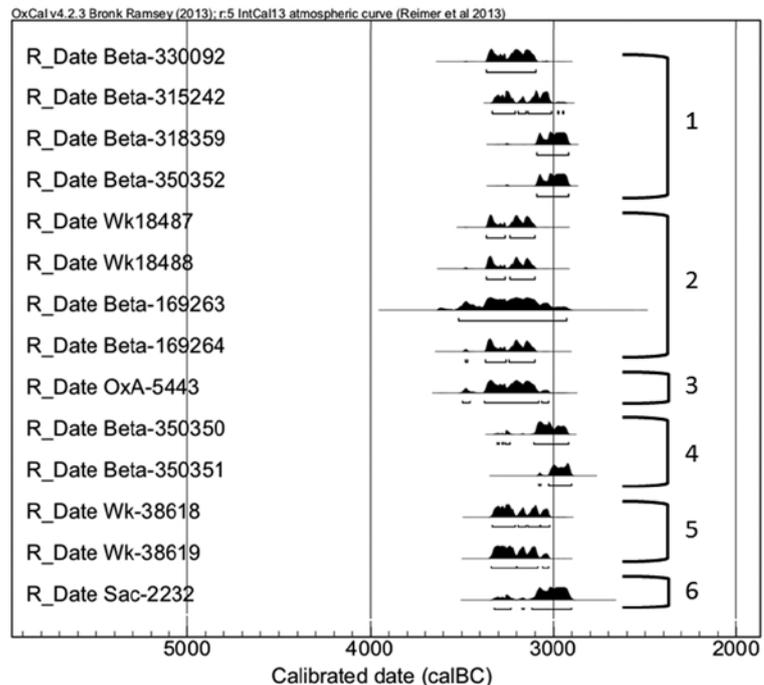


Fig. 10 – Representação gráfica das datações de radiocarbono disponíveis para recintos de fossos do Neolítico Final do interior alentejano (foram apenas consideradas as datas provenientes do interior de fossos). 1 – Perdigões; 2 – Juromenha; 3 – S. Jorge de Ficalho; 4 – Moreiros 2; 5 – Monte da Contenda; 6 – Porto Torrão.

anteriormente referidos, numa zona mais restrita, revelando recintos de menores dimensões, de plantas diferentes e muitos deles com o desenho dos fossos também diferente (sinuosidade mais intensa e regular) e onde já nem mesmo os mais exteriores parecem poder utilizar a ribeira como elemento delimitador. O fosso mais exterior (Fosso 1) ao apresentar datações do último terço do 4.º milénio a.C., funciona como um *terminus ante quem* para os recintos da primeira fase.

Finalmente, em face dos materiais de superfície e dos padrões apresentados pelos fossos, datados noutros contextos desde a transição 4.º/3.º milénio a.C. (por exemplo em Moreiros 2 – VALERA, BECKER & BOAVENTURA, 2013) até ao segundo quartel do 3.º milénio a.C. (por exemplo no Outeiro Alto 2 – VALERA, FILIPE & CABAÇO, 2013), podemos assumir uma continuidade de ocupação (não necessariamente em permanência) durante o Calcolítico que corresponderá a vários dos recintos circulares mais interiores (embora entre eles também possam existir alguns de cronologia mais antiga).

Trata-se, naturalmente, de uma caracterização da temporalidade do Monte da Contenda ainda bastante sumária, mas que desde já revela a existência de uma dinâmica prolongada, muito provavelmente sujeita a intermitências (manifestadas nas deslocações laterais dos recintos), revelando um sítio que terá desempenhado um papel relevante na estrutura de povoamento Neolítico e Calcolítico da bacia do rio Caia.

### 3 – MONTOITO 2

O recinto de Montoito 2 situa-se junto à povoação com o mesmo nome, concelho de Redondo, distrito de Évora, à direita da estrada que sai na direcção de Reguengos de Monsaraz. As suas coordenadas são X: 46889, Y: -129424,28 a uma altitude de 225 m (C.M.P., 1:25000, fl. 462). Situa-se na confluência do Ribeiro da Vila e do Ribeiro dos Pedrões, abrangendo parte de uma área aplanada e a suave vertente ocidental que desce para aquele último curso de água (Fig. 11A). A visibilidade sobre a paisagem envolvente é bastante restrita, estando o sítio envolvido por topografias aplanadas mas de cotas mais elevadas, excepto ao longo do vale do Ribeiro da Vila, para Noroeste. A geologia do local corresponde a uma formação de grés, argilas e calcários do Miocénico e Paleogénico indiferenciados, que envolve a povoação de Montoito (C.G.P., 1:50000, fl. 40-B).

Na imagem do Google Earth de 22.02.2003 é visível o traçado de um fosso de recinto de tendência elipsoidal, que do lado sudeste aparentava ser de fosso duplo (Fig. 11B). A zona mais central apresentava uma mancha mais escura, que poderia corresponder a um outro recinto, mas que não se apresentava nítido (uma vez que nessa zona há vestígios à superfície de construções de períodos históricos). Prevista a realização da prospecção geofísica integral do sítio, só foi possível, devido à vegetação que cobria parte do terreno,<sup>1</sup> realizar o levantamento de 14 quadrados de 40 × 40 m (22400 m<sup>2</sup>) que permitiram abranger cerca de 2/3 do recinto. Os procedimentos metodológicos e o equipamento utilizado foram os mesmos do Monte da Contenda.

O magnetograma obtido (Fig. 12) confirmou a existência de um conjunto de recintos de fossos, onde se regista a presença de três fossos. Um recinto maior, apresenta uma planta de tendência elipsoidal definida por dois fossos concêntricos, com o eixo maior orientado no sentido NO-SE. O fosso exterior (Fosso 1) apresenta cerca de 180m no eixo maior e cerca de 140 m no eixo menor, sendo a distância relativamente ao fosso interior concêntrico (Fosso 2) de cerca de 10-12 m, ou seja uma distância semelhante à que se verifica nos fossos externos concêntricos dos Perdigões e da Salvada. O Fosso 1 apresenta uma entrada do lado sudeste (Porta 1), que corresponde a uma interrupção do fosso com cerca de 5/6m de largura, á frente da qual, pelo

---

<sup>1</sup> Agradecemos o apoio de Rui Mataloto e da Câmara Municipal do Redondo nos contactos com o proprietário para autorização dos trabalhos e na limpeza do terreno, onde também ajudaram André Texugo e Rui Godinho.

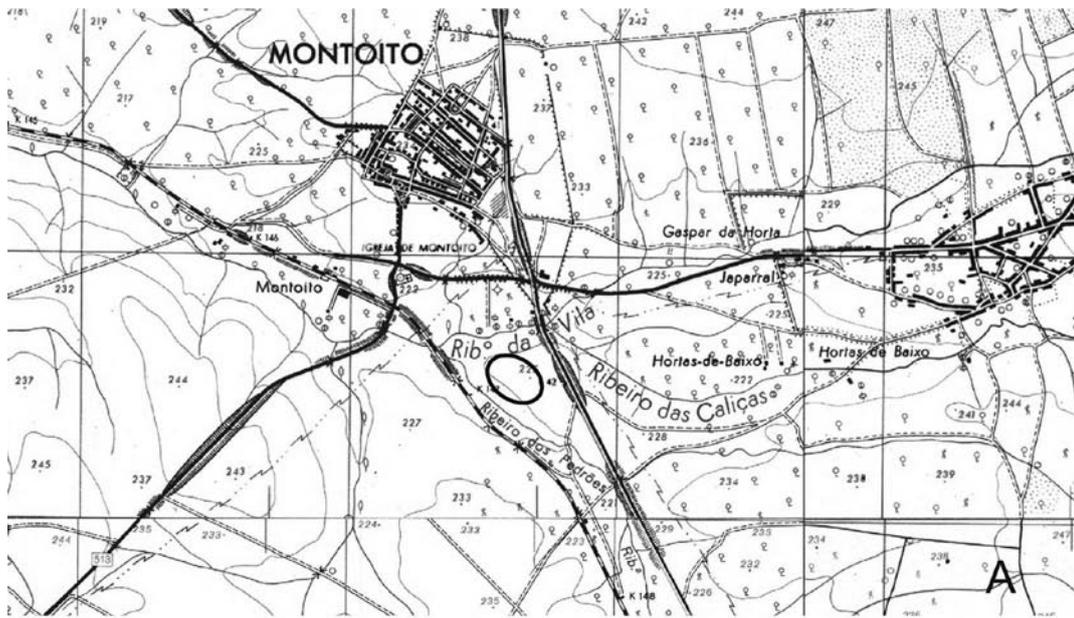


Fig. 11 – Localização de Montoito 2 na C.M.P. e numa imagem 3D do Google Earth.

exterior e a cerca de 6/7m, se desenvolve um pequeno fosso semicircular, semelhante aos fossos em “imbrice” das portas do fosso exterior dos Perdígões. Esta porta apresenta-se orientada a  $149^\circ$  relativamente ao centro da elipse definida pelo recinto. Já o Fosso 2 parece apresentar uma entrada com interrupção simples do fosso na mesma zona (Porta 2), embora mais pequena e ligeiramente mais à esquerda da anterior. A sua orientação relativamente ao mesmo ponto central é  $152^\circ$ . Se alinharmos estas duas entradas num mesmo eixo, obtemos a orientação a  $145^\circ$ , já não com no centro geométrico da elipse, mas curiosamente com duas entradas (Portas 3 e 4) do recinto mais interior.

No interior dos recintos elipsoidais, numa zona aproximadamente central, foi registado um outro fosso (Fosso 3), o qual define um recinto sinuoso de planta irregular. Neste recinto, ao qual falta a extremidade Norte no magnetograma, parecem definir-se três entradas. Uma, mais evidente, localiza-se a Sul (Porta 3), outra parece definir-se numa interrupção do fosso no extremo oeste (Porta 4) e uma terceira (Porta 5), menos evidente, poderá estar numa aparente interrupção do fosso no lóbulos Este.

Finalmente, pelo interior dos recintos, mas também pelo exterior, notam-se várias dezenas de anomalias que corresponderão a fossas.

Este recinto, que se implanta não totalmente no topo da plataforma, mas apanhando parte desse topo e desenvolvendo-se pela vertente Sul, não parece apresentar uma orientação padronizada das várias entradas (embora 4 possam ser alinhadas num mesmo eixo). Contudo, é interessante registar que o eixo maior do recinto orientado a 120°, isto é, genericamente ao solstício de Inverno.

Não se tendo realizado qualquer intervenção intrusiva, foram recolhidos materiais de superfície durante a limpeza e prospecção de superfície. Estes são relativamente pouco numerosos e correspondem a vinte e sete fragmentos de bordo de recipientes cerâmicos manuais, um fragmento de instrumento de pedra polida e um machado em anfibolito, três seixos de quartzito talhados, uma lasca de xisto jaspóide, um percutor esferoidal de quartzo e cinco fragmentos de barro de revestimento com marcas de ramagens. Os de morfologias. Porém, entre os que permitiram uma atribuição formal observa-se uma clara predominância de pratos de bordo simples e espessado internamente (nomeadamente almendrado), estando presentes também taças simples e alguns bordos de recipientes fechados esféricos ou globulares (Fig. 13). Não se registou a presença de qualquer forma carenada, nem pesos de tear nem evidências de metais ou metalurgia. No geral, os materiais recolhidos indicam uma cronologia do Calcolítico Pleno, sem que isso implique a generalização dessa cronologia a todas as estruturas identificadas.



Fig. 12 – Magnetograma de Montoito 2 realizado em 2013.

#### 4 – ALGUMAS NOTAS PARA ORIENTAÇÕES FUTURAS

A confirmação da presença de recintos de fossos nos sítios de Monte da Contenda e Montoito 2 demonstram uma vez mais, como já havia acontecido com Xanca ou Monte do Olival 1 (VALERA & BECKER, 2011; BECKER, VALERA & CASTANHEIRA, 2012), o potencial e a fiabilidade de utilização de ferramentas como o Google Earth na identificação deste tipo de sítios. Se a fotografia aérea há muito demonstrara o seu potencial para a detecção de contextos arqueológicos, as ferramentas disponíveis na internet que permitem a realização de verdadeiras prospecções aéreas em vastos territórios através de imagens satélite de diferentes anos têm-se revelado mais um importante recurso ao serviço da Arqueologia. Por outro lado, o completar deste trabalho de identificação com a realização de prospecções de superfície e prospecções geofísicas, particularmente com o recurso ao método de magnetometria, permite uma primeira aproximação à cronologia e a obtenção de desenhos dos recintos, na grande maioria das vezes impossíveis de obter através de escavação. Estas imagens,

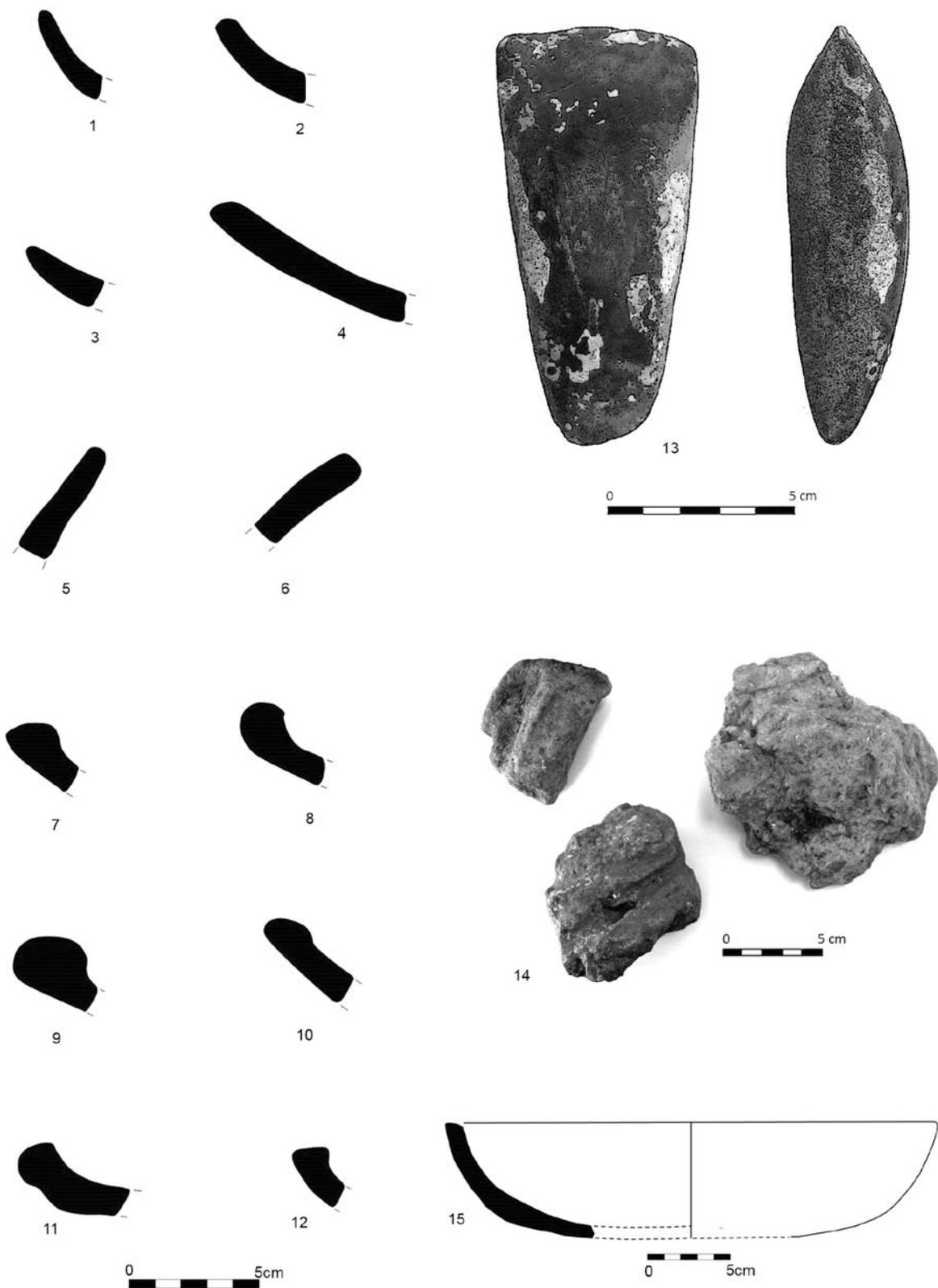


Fig. 13 – Materiais de superfície provenientes de Montoitto 2.

para além de permitirem ter a noção das dimensões e configurações das estruturas, possibilitam igualmente a abordagem a problemáticas que só são possíveis de tratar quando se têm plantas integrais ou quase integrais (como a questão das orientações, de alinhamentos internos, de densidade de estruturas, de área abrangida, etc.), para além de constituírem notáveis ferramentas de planeamento da investigação e de salvaguarda (como bem tem evidenciado o caso dos Perdigões).

Nos contextos aqui em análise, os dados obtidos revelam-nos duas situações bem diferenciadas, sublinhando a diversidade contextual e arquitectónica que vem caracterizando os recintos de fossos no Sul de Portugal. Por um lado Montoito 2, um sítio com dimensões já apreciáveis, mas que revela a presença de um número reduzido de fossos e recintos (cujo real comportamento diacrónico ainda desconhecemos) e com uma planta elipsoidal para os recintos exteriores e uma irregular e sinuosa (mas tendencialmente sub-circular) para o recinto interior. Se a planta deste último encontra paralelos próximos no recinto mais interior de Moreiros 2, tanto ao nível do traçado como ao nível da configuração das entradas, e se se aproxima, apesar de revelar uma maior irregularidade, dos desenhos mais padronizados de Águas Frias, Xancra, Santa Vitória ou Outeiro Alto 2 (VALERA 2013 a), já a planta de tendência elipsoidal dos recintos externos é pouco comum.

Quanto ao Monte da Contenda a situação apresenta-se muito mais complexa, revelando tratar-se de um dos grandes complexos de recintos já conhecidos no Sul de Portugal. De facto, ainda que não atingindo as dimensões que se imaginam para o Porto Torrão, alguns dos recintos presentes no Monte da Contenda, aparentemente os mais antigos, revelam dimensões e áreas próximas às que conhecemos para os Perdigões (Reguengos de Monsaraz), Salvada ou Monte das Cabeceiras 2 (VALERA & PEREIRO, no prelo), a que poderemos igualmente juntar os recintos maiores da Herdade da Corte (Fig. 6), e que andam entre 15 e os 20 ha. Por outro lado, o Monte da Contenda apresenta-se actualmente como o complexo com o maior número de fossos e de recintos da região alentejana (e cremos que da Península Ibérica), mostrando igualmente uma temporalidade prolongada e com ritmos construtivos claramente faseados, visíveis na planimetria dos recintos e nas formas como se entrecruzam e sobrepõem.

De facto, as dinâmicas que desde já podemos perceber no Monte da Contenda, onde recintos são construídos sobre outros, mas de forma descentrada e lateralizada, demonstra que existem períodos de abandono e reconstrução, facto que, por vezes, a concentricidade que outros recintos apresentam (como por exemplo os Perdigões) pode mascarar e induzir a leituras de linearidade evolutiva e ocupacional. De facto, recentes intervenções em pequenos recintos de fossos têm vindo a demonstrar construções diferidas no tempo que se intercepçionam (caso de Murteira 6 – PORFÍRIO *et al.*, 2012) ou que se encontram lado a lado, como acontece em Coelheira 2 (VALERA, RAMOS & CASTANHEIRA, 2015). Estas circunstâncias alertam-nos para as intermitências da vida de muitos sítios e para o facto de que a “[...] construção e abandono de recintos tenha sido inerente ao seu papel social e às dinâmicas das sociedades que os construíram e usaram, provavelmente num contexto de competição de realizações, tal como terá sido a permanência prolongada e o desenvolvimento de alguns deles.” (VALERA, no prelo, tradução livre).

Por outro lado, se relativamente aos contextos que os dois recintos aqui apresentados encerram não temos, nesta fase, informação relevante, já no que respeita ao seu posicionamento nos respectivos povoamentos locais alguns aspectos podem ser sinalizados e discutidos, nomeadamente no que diz respeito à proximidade cronológica e espacial relativamente a outros recintos.

No que respeita ao Monte da Contenda, este situa-se 4,4 km a Nordeste do recinto de Santa Vitória (DIAS, 1996). Apresentando a Contenda uma cronologia inicial mais antiga, os dados sugerem que durante o Calcolítico estes dois sítios tenham sido contemporâneos, podendo mesmo ter tido ocupação simultânea. Note-se ainda que alguns dos recintos com desenhos sinuosos do novo sítio apresentam grandes similaridades

com os presentes em Santa Vitória. Todavia, apesar da proximidade, entre os dois sítios não há visibilidade directa, pois entre ambos existe um interflúvio de cota ligeiramente mais alta.

Mais afastado está o recinto do Torrão, a cerca de 13 km para Este (LAGO & ALBERGARIA, 2001), enquanto a uma distância média de 20km encontramos Moreiros 2 a Nordeste (VALERA, BECKER & BOAVENTURA, 2013) e três outros recintos relativamente próximos entre si a Sul, na periferia de Elvas, dos quais apenas o Paraíso foi publicado (MATALOTO & COSTEIRA, 2008). Trata-se de um núcleo de recintos que se associa à bacia hidrográfica do rio Caia, médio Guadiana (Fig. 1), que se desenvolve desde o Neolítico Final em contextos como Monte da Contenda, Moreiros 2, Torrão e Paraíso, e se prolonga pelo Calcolítico (no Monte da Contenda e Santa Vitória).

Já Montoito 2 está localizado a 9,5km a Nordeste do recinto da Horta do Albardão 3 (SANTOS *et al.*, 2009) e a 8 km a Noroeste dos Perdigões, com o qual terá certamente sido contemporâneo e muito possivelmente simultâneo durante o Calcolítico. Na realidade, para além de Montoito 2 a Norte, os Perdigões começam a ficar rodeados a Oeste e a Sul por um conjunto de recintos associados à bacia hidrográfica do rio Degebe, médio Guadiana (Fig. 1): Horta do Albardão 3, S. Manços (inédito), Ponte da Azambuja (RODRIGUES, 2008), Charneca (VALERA & PEREIRO, 2013) e que se localizam a uma distância média de cerca de 15 km, com excepção da Torre do Esporão (GONÇALVES, 1990-1991), recinto localizado a apenas 5,5km para Sul e com visibilidade directa para os Perdigões. Também este núcleo emerge a partir do final do Neolítico (Perdigões, Ponte da Azambuja e possivelmente Charneca) e se desenvolve ao longo do Calcolítico (Montoito 2, Perdigões, Torre dos Esporão e Horta do Albardão 3).

A concentração espacial de recintos nos distritos de Portalegre e Évora, contudo, não atinge ainda o nível que tem vindo a ser evidenciado pelo distrito de Beja, nomeadamente num eixo de orientação Este – Oeste compreendido entre Serpa – Beja – Ferreira do Alentejo (Fig. 1), abrangendo a parte terminal da bacia do médio Guadiana e parte da bacia (oriental) do alto Sado. Esta situação, porém, poderá simplesmente decorrer de problemas de detecção e amostragem arqueológica e do impacto diferenciado de grandes empreendimentos com forte interferência no território (como os empreendimentos da rede de rega de Alqueva ou a auto-estrada do Baixo Alentejo A26).

Todavia, com os dados actualmente existentes é possível verificar que no Sul de Portugal parece existir uma correspondência entre a construção de recintos de fossos e grandes unidades geológicas. Esta circunstância já foi anteriormente sublinhada (VALERA, 2013 a, Fig. 15), salientando que a quase totalidade dos recintos conhecidos a Sul do Tejo se concentram nos territórios interiores da zona de “Ossa – Morena” drenada pelo médio Guadiana e pela parte oriental da bacia do alto Sado, e que se encontra delimitada a Oeste pela Orla Ocidental (de terrenos mais arenosos) e a Sul pela Faixa Piritosa. Para já são excepção apenas o Cabeço do Pé da Erra, localizado na bacia do Tejo, e Alcalar na costa sul algarvia. O futuro da investigação ajuizará sobre o real papel condicionante destas fronteiras geológicas relativamente ao fenómeno de construção de recintos de fossos no Alentejo. De momento, esse condicionalismo afigura-se significativo, contribuindo para uma dinâmica territorialmente muito concentrada.

Naturalmente, trata-se de uma concentração de contextos diversificados no que respeita à sua cronologia, à sua biografia, às suas dimensões, características arquitectónicas e possíveis papéis sociais. Alguns surgem no Neolítico, outros apenas no Calcolítico. Vários dos que se iniciam no Neolítico Final são abandonados ainda nesse período, enquanto outros se prolongam por todo o 3.º milénio. Uns apresentam dimensões reduzidas e um reduzido número de estruturas; outros crescem para se tornarem grandes complexos, com vários recintos e centenas de estruturas associadas, como bem demonstra o Monte da Contenda. Uns terão tido vidas muito curtas, outros ocupações intermitentes e alguns prolongadas ocupações. Por outro lado, temos ainda uma

informação muito diferenciada em qualidade e quantidade relativamente a cada contexto. Mas dentro desta “globalidade diversificada” e temporalmente estendida por mil anos (pelo menos) ganha particular interesse a questão das proximidades cronológicas e espaciais entre recintos, questão recentemente colocada a propósito da proximidade (apenas 3,5 km) de dois grandes complexos de recintos de fossos que terão sido contemporâneos e muito provavelmente simultâneos: Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (VALERA & PEREIRO, no prelo). Nesse texto questionam-se alguns dos pressupostos que subjazem aos esquemas de redes de povoamento hierarquizado, com a definição de lugares centrais e lugares satélites, frequentemente sustentados em bases empíricas frágeis e muito parcelares e numa percepção estática dos diferentes sítios arqueológicos, que não leva em conta nem questiona as suas temporalidades.

Ora a ainda restrita informação que estes trabalhos proporcionaram, sobretudo no que respeita ao Monte da Contenda, mas que já é maior que a disponível para outros recintos que precipitadamente foram elevados à categoria de lugar central sem suporte empírico mas com conveniência teórica, alerta-nos para como as dinâmicas da construção, utilização, duração, abandono final, abandono temporário, reocupação, reconstrução, crescimento continuado, crescimento intermitente, etc., dificilmente serão captadas através dos esquemas apriorísticos rígidos. Esquemas que têm pautado as tradicionais abordagens às redes de povoamento e que percebem os sítios como totalidades estáticas e não como biografias, com temporalidades simples ou muito complexas, gerando inter-relações dinâmicas das quais as cartografias têm dificuldade em dar conta (porque cristalizam o que é dinâmico e geram palimpsestos).

Assim, na futura modelação das redes de povoamento, nomeadamente no que aos recintos de fossos diz respeito, que começam a esboçar-se em torno dos Perdigões e do Monte da Contenda teremos que levar em conta as diferentes trajectórias de vida de cada recinto ou conjunto de recintos conhecidos nas imediações, para os quais temos de admitir que a informação é ainda muito desproporcional. Há, pois, ainda muito trabalho pela frente, facto que, contudo, não mascara os significativos avanços feitos nos últimos anos na investigação e conhecimento relativos a este tipo de contextos no sul de Portugal.

## REFERÊNCIAS

- ABRIL, D., NOCETE, F., BAYONA, M. R., LIZCANO, R. & INÁCIO, N. (2007) – Prácticas sociales asociadas al patrón de consumo alimenticio en el poblado de la Junta de los Ríos (Puebla Guzman, Huelva): cal 2834 ± 80 A.N.E. – 2475 ± 40 A.N.E. *Rampas*. 9, p. 5-90.
- BECKER, H. (1996) – Kultplätze, Sonnentempel und Kalenderbauten aus dem 5. Jahrtausend vor Chr. – Die mittellneolithischen Kreisanlagen in Niederbayern. In: BECKER, H. (ed.) – *Archäologische prospection. Luftbildarchäologie und Geophysi.*, München, p. 101-122.
- BECKER, H. (2001) – Duo- and quadro-sensor configuration for high-speed / high-resolution magnetic prospecting with caesium magnetometry. In: BECKER, H. & FASSBINDER, J. W. E. (eds.) – *Magnetic Prospecting in Archaeological Sites*. ICOMOS, p. 20-25 (Monuments and Sites 6).
- BECKER, H. (2001) – Ultra high resolution caesium magnetometry at Monte da Ponte, Concelho Evora, Portugal 1994-1996. In: BECKER, H. & FASSBINDER, J. W. E. (eds.) – *Magnetic Prospecting in Archaeological Sites*. ICOMOS, p. 43-46 (Monuments and Sites 6).
- BECKER, H. & VALERA, A. C. (2012) – Luz 20 (Mourão, Évora): resultados preliminares da prospecção geofísica (magnetometria de céσιο). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA-ERA. 8, p. 7-9.

- BECKER, H; VALERA, A.C. & CASTANHEIRA, P. (2012) – Monte do Olival 1 (Ferreira do Alentejo, Beja): magnetometria de céσιο num recinto de fossos do 3.º milénio a.C. *Açontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA-ERA. 8, p. 11-17.
- CALADO, M. & ROCHA, L. (2007) – As primeiras sociedades camponesas no Alentejo Central: a evolução do povoamento. In: CERRILLO CUENCA, E. & ALADÉS SIERRA, J. M. (eds.) – *Los primeros campesinos de La Raya: aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*. Cáceres: Museo, p. 29-46.
- COSTA, C. (2013) – *Tafonomia em contexto pré-histórico. A zooarqueologia como recurso para a compreensão das “estruturas em negativo” da Pré-história Recente*. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em Arqueologia, apresentada à FCHS da Universidade do Algarve. Policopiado.
- DIAS, A. M. M. Carvalho (1996) – *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Santa Vitória*. Dissertação de mestrado apresentada à FLUP. Policopiado.
- GONÇALVES, V.S. (1990-1991) – Tesp. 3: o povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*. Porto. NS, XI-XII, p. 51-72.
- HURTADO, V. (2008) – Los recintos con fosos de la Cuenca Media del Guadiana. *Era Arqueologia*. Lisboa: NIA-ERA. 8, p.182-197.
- KARLOVSKÝ, V. & PAVÚK, J. (2002) – Astronomická orientácia rondelov lengyelskej kultúry. In: CHEBEN, I. & KUZMA, I. (eds.) – *Otázky neolitu a eneolitu našich krajín – 2001*. Nitra, p. 113-128.
- LAGO, M. & ALBERGARIA, J. (2001) – *O Cabeço do Torrão (Elvas): contextos e interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano*. Lisboa: Era Arqueologia / Colibri, p. 39-62 (Era Arqueologia 4).
- MÁRQUEZ, J. E & JIMÉNEZ, V. (2010) – *Recintos de Fosos. Genealogía y significado de una tradición en la Prehistoria del suroeste de la Península Ibérica (IV-III milenios a.C.)*. Málaga: Servicios de publicaciones de la Universidad de Málaga.
- MÁRQUEZ, J. E.; VALERA, A. C.; BECKER, H.; JIMÉNEZ, V. & SUÁREZ, J. (2011) – El Complejo Arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). *Prospecciones Geofísicas – Campaña 2008-09. Trabajos de Prehistoria*. Madrid. (68) (1), p. 75-86.
- MATALOTO, R. & COSTEIRA, C. (2008) – O povoado calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 11 (2), p. 5-27.
- PÁSZTOR, E. & BARNA, J. P. (2008) – Orientation of the circular enclosures of the late Neolith Lengyel culture in the Carpathian Basin. *Antiquity*. 82, p. 910-924.
- PODBORSKÝ, V. & KOVÁRNIK, J. (2006) – Neolithic and post-Neolithic enclosures in Moravia in their central European context. In: HARDING, A.; SIEVERS, S. & VENCLOVÁ, N. (eds.) – *Enclosing the Past: Inside and Outside in Prehistory*. Sheffield: J. J. Collis Publications, p. 44-68 (Sheffield Archaeological Monographs 15).
- PORFÍRIO, E.; BARBOSA, R. P.; VALINHO, A. & COSTA, M. (2012) – O sítio de Murteira 6 (Mombeja – Beja) no contexto do Calcolítico do Sul de Portugal. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: Município de Almodôvar, p. 549-559.
- RODRIGUES, F. (2008) – O recinto de fossos da ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora): primeira notícia. *Açontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 2, p. 49-56.
- SANTOS, F.; SOARES, A.; RODRIGUES, Z.; QUEIROZ, V. P. & ARAÚJO, M. F. (2009) – Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-História Recente, com fossos e fossas, na encosta do Albardão (S. Maços, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12 (1), p. 53-71.

- SCHLOSSER, W. (2004) – Astronomische Untersuchungen der Kreisgrabenanlage von Goseck. In: BERTEMES, F.; BIEHL, P. F. & MELLER, H. (eds.) – *Neolithische Kreisgrabenanlagen in Europa*. Goseck 7.-9.5.2004.
- VALERA, A. C., (2008) – Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente. *Era Arqueologia*. Lisboa, 8, p. 112-127.
- VALERA, A. C. (2010) – Construção da temporalidade dos Perdigões: contextos neolíticos da área central. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. 5, p. 19-26.
- VALERA, A. C. (2012 a) – “Mind the gap”: Neolithic and Chalcolithic enclosures of South Portugal. In: GIBSON, A. (ed.) – *Enclosing the Neolithic. Recent studies in Britain and Europe*. BAR, p. 165-183.
- VALERA, A. C. (2012 b) – Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: Município de Almodôvar, p. 25-38.
- VALERA, A. C. (2013 a) – Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal. Investigação, discursos, salvaguarda e divulgação. *Almadan*. Segunda Série, 18, p. 93-110.
- VALERA, A. C. (2013 b) – Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português. *Arqueologia em Portugal 150 anos, Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP, p. 335-343.
- VALERA, A. C. (coord.) (2014) – *Bela Vista 5. Um recinto do Final do 3.º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*. Lisboa: NIA-ERA (Era Monográfica 2).
- VALERA, A. C. (no prelo) – Social change in the late 3rd millennium BC in Portugal: the twilight of enclosures.
- VALERA, A. C. & BECKER, H. (2011) – Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospeção geofísica em Xancra (Cuba, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA-ERA. 7, p. 23-32.
- VALERA, A. C.; BECKER, H. & BOAVENTURA, R. (2013) – Moreiros 2 (Arronches, Portalegre): geofísica e cronologia dos recintos interiores. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA-ERA. 9, p. 37-46.
- VALERA, A. C.; FILIPE, V. & CABAÇO, N. (2013) – O recinto de fosso do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA-ERA. 9, p. 21-35.
- VALERA, A. C. & PEREIRO, T. (2013) – Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospeção sistemática. *Arqueologia em Portugal 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP, p. 345-350.
- VALERA, A. C. & PEREIRO, T. (no prelo) – Os recintos de fossos da Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Portugal). *Actas do VII Encontro de Arqueologia Peninsular*. Aroche-Serpa, 2013, p. 16-27.
- VALERA, A. C.; RAMOS, R. & CASTANHEIRA, P. (2015) – Os recintos de fossos de Coelheira 2 (Santa Vitória, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA-ERA. 10, p. 33-45.
- VALERA, A. C. & SILVA, A. M. (2011) – Datações de radiocarbono para os Perdigões (1): contextos com restos humanos nos Sectores I e Q. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA-ERA. 7, p. 7-14.
- VALERA, A. C.; SILVA, A. M. & MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2014) The temporality of Perdigões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices. *SPAL*. 23, p. 11-26.
- WHITTLE, A. (2006) – Temporality of enclosures. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto: ADECAP. 8. p. 15-24.
- WHITTLE, A. (2014) – The times and timings of enclosures. In: VALERA, A. C. (ed.) – *Recent Prehistoric enclosures and funerary practices in Europe*. BAR, International Series 2676, p. 1-12.